

COMO VIU O JAPÃO FREI RIBADENEYRA

Rachel Caldas Lins e
Gilberto Osório de Andrade

Entrou Frei Marcelo de Ribadeneyra no Japão em agosto de 1594, de lá partiu, desterrado, em fevereiro de 1597.

Ao chegar ao Japão viera de Manila, até onde o levara o desejo de participar, com os franciscanos descalços, das missões do Extremo Oriente.

Nascera em Palência, Espanha, e depois de ordenado exerceu o magistério de Teologia em Salamanca. ¹ (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 25, Editora Enciclopédia, Limitada Lisboa — Rio de Janeiro).

Na grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira aparece, com nome de Rivadeneyra, e nas várias outras que estiveram ao nosso alcance Frei Marcelo de Ribadeneyra não é sequer mencionado, como tampouco o é seu livro *História de Las Islás del Archipelago, Y Reynos De la Gran China*. ² (*História de Las Islás del Archipelago y Reynos De la Gran China, Cuchunchina, Malaca, Sian, Camboxa Y Japon, y de lo Sucedido en ellos a los Religiosos Descalços de la Ordem del Seraphico Padre San Francisco, de la Província de San Gregório de las Philippinas*.

Barcelona, Empresa de Gabriel Graells e Giraldo Dotil, 1601)

Tivemos todavia a sorte de encontrar um exemplar entre as obras raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, obtendo uma cópia microfilmada que se encontra agora na Biblioteca da FUNDAJ. Marcelo, aliás, não foi o único Ribadeneyra. Pedro Ribadeneyra que viveu no mesmo século foi companheiro e discípulo de Santo Inácio de Loyola e Gaspar Ribadeneyra igualmente espanhol e jesuíta viveu de 1611-1675.

Manila era a capital do Arquipélago de Luzón, as ilhas Filipinas, governado por Gomes Perez de las Marinas, em nome de Filipe II, e onde, aliás, os espanhóis não eram muitos. Os religiosos Franciscanos concentravam-se no Convento de São Gregório, sob sua custódia ao tempo em que o Papa Gregório XIII proibira que entrassem a pregar no Japão sem licença apostólica do pontificado, quaisquer religiosos salvo os jesuítas, mas seu sucessor Sixto V, aliás da ordem de São Francisco, transformou a custódia de São Gregório em Província, com o que lhe reconheceu o direito de pregar em todos os reinos vizinhos das Filipinas menos nas Malacas, Sião e Cochinchina.

Depois da viagem de Marco Polo (século XIII) sua Chipangu, ou Chipango, somente veio a ser revelado ao ocidente em 1542, quando um navio português que demandava os portos da China, foi desviado por uma tempestade e aportou na pequena ilha de Tanega — Shima ao largo da costa da atual província de Kagoshima ao sul de Kyūshū, ilha vulcânica que se prolonga pelo arco das Ryu — Kyū, no extremo sul do Japão. ³ *O nome Japão é, na verdade, de origem chinesa — Jih — pūn — que significa sol nascente, ou país de origem do sol.*

Por esta porta penetraram no arquipélago japonês os primeiros arcabuzes, depressa assimilados, e o cristianismo difundido pelos jesuítas. Seis anos mais tarde, acompanhado de dois padres da Companhia, dois empregados e três japoneses, São Francisco Xavier foi para o Japão e ao sair de lá em 1551 deixava um milhar de convertidos principalmente samurais e daimyōs. Os daimyōs eram senhores feudais que tinham nos samurais a seu serviço uma guarda de guerreiros, membros duma casta que igualmente serviam ao Shogunato, isto é, aos poderosos chefes militares que na realidade reinavam no Japão ao lado dos Imperadores.

Eram afamados por sua destreza e combatividade os samurais, entre cujas armas características estava a catana, longa espada ligeiramente curva e muito afiada, que o samurai brandia com as duas mãos visando decepar a cabeça do adversário. O suicídio ritual japonês, motivado por desonra ou insucesso militar, era praticado com a catana, que rompia o ventre do suicida da esquerda para a direita e em seguida continuava cortando já agora em direção vertical de baixo para cima. Ainda quando da capitulação japonesa no fim da última grande Guerra o *Hara-Kiri* foi praticado por alguns dos principais súditos do Imperador, e a catana dos samurais voltou desse modo a ser usada novamente.

O Vo, ou Dairi, de que fala Frei Ribadeneyra, era o rei natural, hereditário ou Imperador, e vivia longe dos olhos do povo, sempre encerrado em seu palácio. Fazia governar o Japão por seus capitães, que muito cedo, com a ajuda dos samurais, fundaram seus próprios reinos: eram os *Tonos* ou *Suzeranos* ou *daimyōs*, num regime feudal; viviam em guerra constante entre si e os mais poderosos intitulavam-se de Rei. A chegada de Ribadeneyra ao Japão coincidiu com o ocaso do feudalismo: um dos suzeranos, Taycosama, tendo dominado os outros reinos intitulava-se de soberano universal do Japão. Uma vez por ano Taycosama recebia em Miaco (Kioto) as homenagens dos outros Reis, que as repartiram também com os Bozcos, supremos sacerdotes, que para se diferenciarem da população usavam vestes de modelo chinês, “embora sejam em tudo opostos aos chineses”

Os bonzos eram sacerdotes poderosos que viviam em congregação e sustentavam-se de esmolas. Alguns eram muito letrados e havia mesmo os que sabiam decifrar os caracteres da grande China. Também viviam em congregações as *Vicumin*, monjas, que embora não sejam muito afeiçoadas à idolatria, usam o culto dos ídolos para colher esmolas.

Numa carta dirigida aos irmãos do colégio de Goa em 5 de novembro de 1549, — São Francisco Xavier escrevera que "a desmoralização dos Bonzos era espantosa, e os naturais estavam tão habituados, que já não lhes causava admiração (. . .) têm estes bonzos em seus mosteiros muitos meninos filhos de fidalgos, aos quais ensinam a ler e escrever e com estes cometem suas maldades. Estão este pecado tanto a costume que ainda que a todos pareçam mal não o estranham (. . .). Há entre estes bonzos uns que se trajam à maneira de frades os quais andam vestidos de hábitos pardos todos raspados e parecem que a cada três ou quatro dias se raspam assim toda a cabeça como a barba, estes vivem mui largos, têm freiras da mesma ordem e vivem com elas juntamente e o povo têm em muito ruim conta parecendo-lhes mau tanta conversação com as freiras".

"Dizem os leigos que quando alguma destas freiras se sente prenha, tomam meizinha com que deitam logo a criança, isto é. mui público e a mim, me parece segundo o que tenho visto nestes mosteiros de frades e freiras que o povo tem muita razão em o que deles têm concebido, perguntei a certas pessoas se usavam estes algum outro pecado, e disseram-me que sim, com os moços que ensinavam a ler e escrever". (pág. 121-122)

(*Livro Missões dos Jesuítas no Oriente nos séculos XVI e XVII, Lisboa, Imprensa Nacional, 1894*).

Muito ricos por cobrarem grandes tributos a seus vassallos os daimyos tinham direito de vida e morte sobre eles, quando desobedientes ou recalcitrantes. Com diferentes graus de nobreza, vestiam aparatosamente, e embora possuindo bons cavalos — a informação é de Ribadeneyra — não costumam montá-los com freqüência, pois somente sabiam conduzi-los a trote, e não a galope.

No seu livro sobre o Japão Frei Ribadeneyra refere-se a Taycosama, "o rei universal do país, como a um homem tirano e astucioso de baixo estado, chamado também Combacondono".

Esse guerreiro, igualmente conhecido por Hideyoshi Tayotomi, de origem tão modesta que nem um nome de família tinha, e cuja extrema feiúra lhe valera o apelido de "Sarumen Kanja, moço cara de macaco", servira na juventude a um samurai a quem salvara a vida, conquistando deste modo o privilégio de usar a catana, isto é, fazendo-se também samurai. Samurai igualmente foi ele de Nabunaga, que iniciara a unificação do Japão, e por morte de quem, Hideyoshi assumiu a tarefa de submeter os daimyos e preparar ao mesmo tempo seus exércitos para dominar a Coréia e a China. Foi então que notícias desse guerreiro chegaram aos ouvidos do Papa Clemente VIII, quando governava a Espanha Filipe II. Orgulhoso, altivo, e presunçoso, determinou-se a obrigar também a vassalagem as ilhas de Luzón e enviou a Manila, um emissário incumbido de induzir o governador das Filipinas a lhe reconhecer a suzerania, enviando-lhe uma embaixada. Na carta que então lhe escreveu em 1590, Taycosama, depois de anunciar que todo o Japão estava sob seu poder, ameaçou o governo das Filipinas de

invasão, a menos que lhe despachasse um embaixador, que lhe reconhecesse a condição de senhor universal do Japão. Seu exército aguardaria em Nagoya durante dois meses a resposta do governador Gomes Perez de las Marinas e estava pronto a invadir o arquipélago "até que esta terra se arrependa de não me ter enviado embaixada".

O governador, procurando informar-se melhor dos intentos do Rei do Japão, despachou para lá o Padre Frei João Cobos com uma carta, e um presente de muito valor. O séquito de João Cobos foi bem recebido por Taycosama, que lhe confiou uma resposta ao governador das Filipinas, fazendo-o acompanhar duma comitiva encabeçada por um tal Faranda.

Na volta a Luzón o navio em que viajava Frei João Cobos perdeu-se na ilha Formosa. De sorte que, até Manila, chegaram apenas Faranda com sua gente. Os espanhóis receberam-no com distinção e durante um ano o governador vassilou em mandar nova embaixada ao Rei do Japão, o que afinal foi feito quando para lá seguiu Frei Pedro Batista como Comissário.

Na carta de que foi portador Frei Pedro Batista, e que é de maio de 1593, o governador de Manila explicou a demora da embaixada, louvou o comissário que era de sua confiança e fez votos de paz e boa vizinhança.

Antes, porém, que o comissário partisse de Manila, os padres da Companhia de Jesus intimaram o governador com o já mencionado breve de Gregório XIII. A controvérsia exigiu confrontos de opiniões de letrados e eclesiásticos tendo o governador afinal decidido que o envio de um embaixador não se configurava na proibição do breve, embora esse embaixador estivesse investido na condição de custódio do Convento de São Gregório de Manila. O comissário viajou para o Japão em companhia do padre Frei Bartolomeu Ruyz e dos irmãos leigos Francisco de la Parrilla e Gonçalo Garcia, este último escolhido por ser muito versado na língua e Causas do Japão.

Desembarcados e afinal reunidos no Porto de Firando, onde estivera antes o frade leigo Frei João Pobre, que indo de Manila para a China, "ali aportou e deixou tantas afeições entre os cristãos e os gentílos com seu bom exemplo, pobreza e humildade, que não somente ganhou o Santo Frei Gonçalo Garcia para sua ordem e ainda muitos cristãos e o senhor daquele lugar, embora sendo gentil lhe rogava que ficasse ali, e enviasse chamado a outros irmãos franciscanos em Manila". Daí saíram para Nagoya, onde estava Taycosama, e onde Frei Gonçalo Garcia, usando de seus conhecimentos sobre o Japão, conseguiu modificar a atitude de agressividade e petulância de Taycosama, no primeiro encontro desse com a embaixada chegada de Manila. Passaram os franciscanos um ano no Japão, sem poderem praticar, como desejavam, suas pregações e construir igreja, casa e hospital. Uma visita, afinal, do Imperador ao governador de Kioto, permitiu que o comissário, acompanhado de Frei Gonçalo Garcia, lhe falasse. Quando o Rei observou que eles o procuravam na rua era porque suas ordens não tinham sido cumpridas. Imediatamente deu-lhes um sítio dentro da cidade, na vizinhança de um rio, livre de vizinhos, onde começaram com ajuda dos mercadores portugueses amigos de Gonçalo Garcia a construir, igreja, convento, hospital e horta.

Foi então que mais quatro franciscanos vieram de Manila para ajudar nas Missões, mas um deles morreu durante a viagem, de sorte que chegaram apenas a

Kioto, frei Agostinho Rodrigues, frei Jerônimo de Jesus e frei Marcelo de Ribadeneira. A catequese surtia efeitos assinalados, como foi o caso do japonês batizado de Leão, e que seria um dos futuros mártires do Japão.

Assinalando que fora na província de Bungo que os portugueses tinham estabelecido os primeiros contactos com os nipônicos e que por aí começara o comércio com o Japão, frei Ribadeneira, inicia sua descrição do país e dos "costumes e modos de conversar da gente da terra".

Em sua *História de Las Islas*, que se divide em seis livros, os últimos três dos quais tratam do Japão, o autor no primeiro refere-se ao descobrimento das Filipinas e da fundação da Província de São Gregório dos Frades Menores (franciscanos); no segundo enumera os diferentes reinos dos gentios aos quais foram ter missões dos frades menores; no terceiro destaca os franciscanos que se distinguiram pelo saber e pela santidade na província; no quarto trata do começo da catequese franciscana no arquipélago japonês; no quinto narra o suplício a que foram submetidos os mártires do Japão em 1597, e no último dá-se notícia da vida de cada um deles.

O Japão é descrito como "um reino de muitas ilhas, que estão ao lado da grande China da qual distam 200 léguas". Sabe-se hoje que essas ilhas somam 3.400 de vários tamanhos, a maior e mais central das quais é Honshu. Segundo Ribadeneira o arquipélago situa-se em torno dos 34º de latitude norte, país temperado portanto com inverno e verão bem definidos. Florestas variadas e abundantes existiam num relevo muito acentuado, com vulcões de várias idades. As planícies mostravam-se muito férteis para o arroz "que era o principal sustento e o pão daquele reino". Muitos rios forneciam água abundante para irrigação. Eram semeados também o trigo e a cevada, mas não tinham o hábito de comer o trigo. Não se criavam, carneiros, e sim somente vacas, sendo sacrilégio matá-las, pois puxavam os arados e seus carros. Não comiam carne, e dos bois serviam-se como montaria, à maneira dos cavalos. Nos lugares onde havia cristãos criavam-se porcos, galinhas, marrecos e patos introduzidos pelos portugueses e espanhóis. Por ser o pescado o principal sustento, vendia-se fresco ou salgado nas feiras. Tinham aprendido dos portugueses e espanhóis o manejo dos arcabuzes, que com as lanças e as espadas constituíam as suas principais armas, e eram considerados muito valentes.

O traje dos homens assemelhava-se muito aos das mulheres; os principais andavam de cabelos soltos, e os demais traziam-nos atados na nuca e não usavam toucas na cabeça. Refere ainda frei Ribadeneira que os que procuravam viver sossegadamente tinham a barba e a cabeça raspadas. Os demais traziam um palmo de cabelos presos na nuca. Todos eram muito cumpridores de suas palavras, tirando as sandálias de palha em sinal de reverência, porque não costumavam cobrir a cabeça, embora durante o inverno usassem gorros de algodão. Os que tinham o cabelo raspado usavam bonés de dois bicos agradavam muito os hóspedes, e sentiam-se desonrados quando não tinham o que lhes oferecer nas refeições. O dono da casa servia o hóspede em primeiro lugar. Sentavam-se como as mulheres em esteiras curiosas. Nessas mesmas esteiras faziam refeições em mesinhas baixas em cada uma das quais cabiam quatro tijelas de palha curiosamente envernizadas. Comiam com pauzinhos sendo sinal de má educação pegar a comi-

da com a mão, como nas classes baixas da Espanha e de Portugal. Sua alimentação consistia em legumes, como rábanos, nabos, beringelas, e abóboras e outras semelhantes que cultivavam com muito cuidado. As frutas boas eram de pequena variedade, se bem que com os portugueses e espanhóis tivessem aprendido a se servirem de outras.

O vinho que usavam era feito de arroz (*saké*). A medicina era assimilada de muitos livros escritos na China, e consistia em xaropes de cozimentos de raízes; que purgantes eram ministrados sob a forma de confeitos em grãos coloridos. Também costumavam aplicar remédios drásticos contra as lombrigas, cuja abundância era atribuída a alimentação com arroz. Não foi difícil a evangelização dos japoneses; que não tinham um Deus a substituir, e sim vários ídolos entre os quais os principais eram Amida e Xaca, antigos reis, o segundo dos quais negro. Os bonzos se valiam especialmente desses dois ídolos para induzir os japoneses a lhes fazerem valiosas doações. Os mesmos bonzos que hostilizaram os padres da Companhia, revoltados contra o daimyō que os prestigiava, inclusive mandando incendiar os mosteiros budistas de Nagasaki, passaram a tecer intrigas entre Taycosama e os franciscanos, ciumentos da influência de que estes desfrutavam. Os franciscanos descalços tinham sido enviados para o Japão numa hora em que os jesuítas estavam proibidos de pregar, e em que suas igrejas e conventos tinham sido fechados e derrubados. Além disso a chegada dos missionários franciscanos espanhóis tivera efeito negativo sobre a obra de evangelização empreendida pelos jesuítas portugueses, poderosos também economicamente no lugar. Rivalidades entre as duas ordens foram estimuladas pela hostilidade existente entre Portugal e Espanha, que nem mesmo a união dos dois reinos, em 1580, pôde superar. O comportamento das duas ordens era antagônico. Os padres da Companhia estavam preocupados em catequizar daimyōs e samurais enquanto os franciscanos se aplicavam melhor à população humilde.

Em Nagasaki, os jesuítas portugueses exerciam um monopólio comercial e daí resultava que os franciscanos espanhóis não conseguiram levantar convento no lugar, conseguindo apenas fora da cidade reedificar uma igreja que tinha sido erigida pelos portugueses e consertar um hospital dos leprosos que estava arruinado. Tudo graças a ajuda conseguida por frei Gonçalo Garcia entre os mercadores portugueses seus amigos.

Frei Gonçalo Garcia, aliás, segundo o depoimento de Frei Ribadeneyra trabalhou na edificação de todas as casas franciscanas, igrejas e hospitais construídos no período que antecede o martírio de Nagasaki. Foram primeiro, a igreja, o convento e o hospital de Kioto, em seguida, com frei Marcelo Ribadeneyra e o japonês Leão levantaram os edifícios mais humildes da ordem em Osaka que recebeu o nome de casa de Belém. Em terceiro lugar foi a vez das obras já mencionadas em Nagasaki, destinadas pelo comissário frei Pedro Batista a servirem de contacto entre o Japão e Manila e também de residência para os religiosos doentes. Em 1595 chegou a Nagasaki frei Jerônimo de Jesus, para substituir frei Gonçalo Garcia que voltou para Kioto, onde continuou seus trabalhos de evangelização e construção. Enquanto isso nunca foi fácil a vida dos franciscanos descalços no porto português, sempre sob o domínio dos jesuítas. Eram perseguidos pelos bonzos gentios e pelos padres da Companhia, porque suas presenças in-

comodavam. Para maior dificuldade, os franciscanos viram chegar a Nagasaki, em 1596 o bispo do Japão, o jesuíta padre Pedro Martins, que não cessou de hostilizar os frades, e seria seis meses depois testemunha de vista do mártírio. O comissário frei Pedro Batista tinha percebido que a permanência dos franciscanos no Japão ia depender do número e da rapidez com que erigissem hospitais, coisa em que os jesuítas da época não se mostravam interessados. Transcreve Ribadeneyra cinco cartas nesse sentido escritas pelo comissário aos frades franciscanos de Kioto e Osaka. A curiosidade mobilizou japoneses de várias regiões do Japão, interessados em conhecer esse estilo arquitetônico diferente dos conventos, igrejas e hospitais bem como o modo de proceder que eles tinham; e outros, sabendo que ali se ensinava o caminho da salvação, se interessavam também por isso, pois os japoneses eram muito cuidadosos dela, "sendo comum a linguagem dos pequenos e grandes que devem buscar sempre sua salvação". Nessa obra de evangelização contaram desde cedo os franciscanos descalços com cinco japoneses que com o nome de pregadores ajudaram na evangelização dos gentios e que estiveram mais tarde entre os vinte e seis mártires, "porque mesmo falando os frades a língua do Japão não eram ainda muito desembaraçados nos costumes da terra, a não ser Gonçalo Garcia que era como se fosse um deles".

E não só dos conventos, igrejas e hospitais, mas igualmente dos palácios modificou-se a arquitetura, no tempo de Taycosama: em vez de construídos apenas para fins defensivos, os palácios dos novos magnatas tinham caráter predominantemente residencial, e utilizavam ricas técnicas decorativas, trabalhos de artistas profissionais. Nos meados do mesmo século XVI, as cidades — castelo desenvolviam-se com o aumento dos grupos humanos. "O castelo, inicialmente de argila, edifica-se com um contraforte de pedra (mas que se eleva obliquamente) e uma disposição em madeira, influência da arte portuguesa".

Foi durante os três anos passados no Japão por frei Ribadeneyra, no decurso dos quais ficaram concluídas as construções missionárias dos franciscanos em Kioto, Osaka e Nagasaki, que as intrigas dos bonzos culminaram com o episódio do galeão *San Phillippe*.

Bonzo era o médico de Taycosama, que o instigava contra os frades, e bonzos eram os poderosos magistrados japoneses, que viam com maus olhos o crescente prestígio popular dos irmãos. Também os administradores dos negócios filipinos no Japão, igualmente budistas, observavam com olho mau o trabalho dos irmãos espanhóis. Além disso, no dia 14 de agosto de 1596, o bispo o Dom Pedro Martins, jesuíta português, como já foi dito chegou a Nagasaki. E ao passo que muitos missionários jesuítas acolhiam a presença dos franciscanos, o bispo resolveu expulsá-los do Japão.

Os irmãos franciscanos em vão imploraram permanecer, e também se dizia que o bispo submetera a questão aos magistrados japoneses e ao próprio Taycosama. Taycosama, porém, protegia abertamente os frades o que incomodava a todos. Por outro lado um grande número de japoneses convertidos pelos franciscanos iam às missões jesuítas para receberem o sacramento do crisma, e falando com muito fervor da piedade, caridade e pobreza dos santos homens, o que causava ira e inveja àqueles padres que na sua maioria tinham já esquecido os ensinamentos de São Francisco Xavier, que ali estivera de 1549 até 1551.

Até meados de 1596 os franciscanos gozavam de muito prestígio junto ao rei, mas logo depois surgiram desacordos graças aos quais a benevolência de Taycosama de tal modo mudou que o amigo generoso se transformou em cruel perseguidor. Foi nos fins de 1596 que a nau *San Phillipe*, galeão espanhol na qual viajavam frei João Pobre e frei Phillipe de Jesus que se destinava ao México, a fim de ser ordenado padre de missa, e que veio a ser um dos 26 mártires crucificados em Nagasaki — arribou meio desarvorada em Urato de Tosa — na costa de Shikoku no Japão, afim de se refazer e continuar a viagem para a Nova Espanha. Vinha carregada de ricos donativos e seu capitão Francisco de Holanda, confiava na aliança e na proteção de Taycosama, concedida três anos antes aos espanhóis quando o comissário frei Pedro Batista ali chegava como embaixador do governador de Manilla.

Alertado pela grande riqueza que o navio conduzia, o daimyō de Shikoku, ligado aos portugueses, enviou um mensageiro a Kioto e, invocando um antigo costume do lugar, propôs ocupar a nau. Taycosama a princípio hesitou, mas como a frustrada invasão da Coréia, os gastos com a campanha projetada contra a China e as Filipinas e o recente terremoto que arruinara parte do Japão, tinham exaurido os cofres reais, deu ouvidos aos magistrados que acusavam falsamente os espanhóis de terem invadido a região de Shikoku, como salteadores, permitiu então que o navio fosse ocupado. O magistrado encarregado de cumprir as ordens de Taycosama entreteve uma conversa com o capitão do navio, Francisco de Holanda, o qual jactando-se da extensão dos domínios espanhóis no mundo à vista de um mapa mundial ou de um globo terrestre e indagado sobre como pudera um só rei ocupar tantas terras longínquas, respondeu que o rei primeiramente enviava missionários que convertiam os infiéis para a religião cristã e depois enviava soldados munidos de armas de fogo, que com o auxílio dos cristãos ocupavam as terras.

Informado do que se passava o comissário frei Pedro Batista, na qualidade de embaixador dos espanhóis de Manilla, apelou para os magistrados no sentido de esclarecer o caso, com a ajuda de Gonçalo Garcia, e para isso procurou avistar-se com Taycosama, nada conseguindo graças as dificuldades opostas pelos magistrados, que insistiam na versão de que os missionários franciscanos difundiam uma religião proscrita, com o intuito de preparar a invasão hispânica.

Tendo perdoado os jesuítas, não procedeu do mesmo modo Taycosama com relação aos franciscanos espanhóis, que condenou sumariamente a morte num rasgo de cólera semelhante aos que ditavam suas decisões. É que os bonzos e o bispo Dom Pedro Martins instigavam-no a proceder assim. Concorreram, aliás, também para isto, as intrigas forjadas pelos navegadores ingleses e holandeses, que infestavam os mares orientais, e tinham na influência dos mercadores ibéricos uma forte oposição.

Onze eram os franciscanos que havia no Japão naqueles dias. Seis foram presos nos seus conventos de Osaka e Kioto, no dia 09 de dezembro, sendo que entre estes estava frei Pedro Batista, e três, dentre os quais frei Ribadeneyra, num navio português surto no porto de Nagasaki; os dois restantes, frei Jerônimo e frei João Pobre, esconderam-se por ordem, do comissário cada um com uma incumbência. Frei Jerônimo de Jesus tentaria preservar a igreja franciscana no Ja-

pão e frei João Pobre, pela consideração de que gozava na terra experimentalia salvar a *nau San Phillippe*.

Ao mesmo tempo puseram guardas nos dois conventos e antes tinham já encarcerado na cadeia pública cinco cristãos japoneses pregadores.

São numerosas as cartas do comissário orientando, aconselhando, e consolando os cinco frades que não estavam presos com ele em Kioto.

É com muita minúcia que frei Ribadeneyra descreve e analisa a prisão e o martírio, afinal, dos frades e dos cristãos japoneses, como testemunha de vista e receptor de cartas remetidas por japoneses, espanhóis, portugueses e, inclusive, jesuítas.

A princípio falava-se que Taycosama faria cortar as orelhas e os narizes dos 24 cristãos prisioneiros, mandando os frades de volta para Manilla e vendendo os japoneses como escravos no porto de Nagasaki. Várias versões correram sobre o destino dos futuros mártires.

Afinal no dia 11 de dezembro foram reunidos na cadeia pública de Kioto, vindos de Osaka, frei Martim, três japoneses catequistas e dois jesuítas. Esses dois jesuítas eram irmãos leigos e foram aprisionados quando faziam chegar às mãos de frei Martin espórtulas enviadas pelo padre Organtino, da Companhia de Jesus.

Alertado por um grande do reino, que o advertiu tratar-se de estrangeiros e, além disso, de embaixadores espanhóis, Taycosama modificou sua anterior decisão e foi cortada apenas uma parte da orelha esquerda de cada prisioneiro. Feito isso fizeram-nos passear pela cidade de Kioto transportados em grupos de três em carros de boi, com as mãos amarradas para trás, para escárneo da população. Esse desfile em carros puxados por um só boi, era sinal de desonra grave, mas a população reagiu contra isso recobrando os caminhos por onde iam passar os mutilados com grande quantidade de areia, o que somente era feito uma ou duas vezes por ano, "quando seu rei entrava triunfalmente na cidade, em carro triunfal e acompanhado de todos os grandes da corte, vestidos com variedades de cores e com suas insígnias diferentes, manifestando cada um sua dignidade e grandeza de estado".

A perseguição dominou em Kioto e Osaka, onde vários japoneses, e até meninos, com grande fortaleza provaram seu cristianismo. Um cristão japonês chamado Cosme narrou em carta como fora despojado de todos os seus bens; pelo que frei Pedro Batista deu-lhe a cruz que o acompanhava e confiou-lhe o breviário para ser entregue a frei Ribadeneyra.

De Kioto foram transportados para Osaka, a oito léguas de distância, onde não eram bastante conhecidos e por isso foram maltratados pela multidão. De Osaka percorreram ainda uma légua e meia, que separa a cidade de Zacay, e fizeram-no montados a cavalo, o que era uma forma de transporte taxativamente proibida aos franciscanos. Voltaram daí para Osaka; "quando aí chegaram, fazia um frio intenso, e, mal abrigados e descalços receberam uma nova sentença ordenando que todos os 24 cristãos fossem levados a Nagasaki para serem crucificados. Foi com regozijo que os frades e os cristãos japoneses receberam essa nova sentença.

Em Nagasaki, aliás estava hospitalizado frei Ribadeneyra, que escreveu ao comissário uma carta pedindo-lhe para se incorporar aos futuros mártires,

carta a que frei Pedro Batista respondeu negativamente dando-lhe, de resto a incumbência de narrar os acontecimentos em Manilla, Espanha, Portugal, ao Papa e a todo o mundo cristão.

Para cumprir essa nova sentença prepararam-se os vinte e quatro prisioneiros para ir de Osaka a Nagoya, onde mais dois foram incorporados, perfazendo o total de 26 (vinte e seis). Um dos dois era um japonês cristão, ligado aos jesuítas, que vinha trazendo mais algum dinheiro para ser entregue ao comissário, a mando do padre Organtino da Companhia de Jesus, homem de muita caridade e virtude. O outro era um japonês cristão ligado aos franciscanos, que vinha acompanhando os frades durante todo o percurso. O longo itinerário percorrido desde Osaka passava por Facata, corte antiga, e Nagoya a corte militar do rei. As vinte léguas de Nagoya a Nagasaki abrangem parte por mar, isto é, os estreitos entre as ilhas da porção central da maior ilha de Honshu até a ilha de Kyushu, a mais meridional, e parte por terra. Por terra marcharam os prisioneiros uns a pé, outros a cavalo e outros ainda transportados em cestões (cachóia) levados nos ombros dos homens. O caminho havia sido longo e trabalhoso, particularmente os franciscanos descalços e os três meninos Thomaz, Antônio e Luiz estavam com os pés muito inchados, e vinham sem forças, debilitados pelo rigor do inverno. Já em Nagoya o comissário frei Pedro Batista escrevera ao reitor da Companhia de Jesus rogando-lhe que lhes enviasse um padre para celebrar uma missa onde eles pudessem comungar. O pedido foi atendido mas os padres enviados de Nagasaki foram proibidos de celebrar, mas aproveitaram para fazer de Paulo Micki e os dois outros japoneses irmãos leigos jesuítas.

Aqui frei Ribadeneyra dá notícias das várias cartas escritas pelo comissário e pelos frades aos irmãos de ordem, não só descrevendo o percurso, como exaltando a obra missionária e dando conselhos para o futuro da Igreja no Japão. Também escreveram ao conde de Monte Rey pedindo que desse conhecimento ao rei da Espanha, ao Papa e aos seus superiores do mundo cristão do acontecido naquela parte do oriente. Descreveu frei Ribadeneyra minuciosamente o encontro dos portugueses que foram ao encontro dos mártires antes de chegarem a Nagasaki. E ainda dá notícias de como o comissário fez chegar às suas mãos, por intermédio do japonês cristão Cosme, o seu breviário.

Aí em Nagasaki estava frei Ribadeneyra doente e foi preso num navio português com frei Agostinho e frei Bartolomeu Ruiz e mais alguns cristãos japoneses. Recebeu vários relatos de frei João Pobre e de frei Jerônimo de Jesus, que escondidos por ordem do comissário acompanhavam a procissão. Os mártires foram crucificados no dia 05 de fevereiro de 1597, e às dez horas não estava mais nenhum vivo. Foi então o bispo visitá-los, em companhia de outros padres jesuítas, e 44 dias depois solicitava licença para o sepultamento dos corpos, o que lhe foi negado, mas foram sendo enterrados por partes pelos cristãos de Nagasaki.

Frei Ribadeneyra encerra essa parte da narrativa escrevendo que foram estes os primeiros cristãos martirizados no Japão. Alguns prodígios que se verificaram entre os crucificados foram também mencionados. Advertiu ainda para o número de religiosos cristãos que havia no arquipélago: 48 padres da Companhia e 80 irmãos leigos jesuítas, 11 frades franciscanos descalços auxiliados por 23 pregadores japoneses. Consumado o martírio, havia cinco frades franciscanos no

Japão, três na pequena casa franciscana em Nagasaki entre eles frei Ribadeneyra; frei Jerônimo de Jesus que se mantinha escondido entre Osaka e Nagasaki e frei João Pobre que tinha acompanhado o cortejo até o martírio e ali tentava com as autoridades despachar a nau *San Phillippe*.

Onze meses durou o desterro de frei Ribadeneyra, até quando voltou para Manilla de onde partiu para cumprir a missão que levava de dar notícias do martírio aos reis da Espanha ao Papa e ao mundo cristão do ocidente. E levava em seu poder três cartas, que o Bispo e dois padres da Companhia, tratando desse glorioso martírio. Durante sua peregrinação por Macau e por várias partes da Índia coletou depoimentos para anexar às informações que levava do Japão, com a finalidade de iniciar o processo de beatificação de seus companheiros. Quando frei Ribadeneyra deixou o Japão havia no país 300 mil cristãos. Explica ainda como frei Jerônimo conseguiu do Bispo uma certidão em que dá seu depoimento como a maior autoridade local, dos motivos do martírio. Morrendo o bispo logo depois, ainda em novembro de 1597. Taycosama faleceu em 1598. Munido dessa certidão os padres do Oriente apresentaram nas várias igrejas do mundo cristão este acontecimento. E vai servir também para Ribadeneyra iniciar a missão de que fora encarregado.

